

Literatura e cultura em tempos digitais

*Edson Cruz**

Paradoxos potenciais

A questão sobre a expansão das novas tecnologias e sua influência na cultura apareceu no século passado, mas suas exigências se fizeram incontornáveis de alguns anos para cá. O computador e o campo de significações da Internet são todos colocados no mesmo saco, melhor dizendo, na mesma rede.

A parte mais popular desse processo é a World Wide Web, o conhecido *www* que, a rigor, é apenas a interface gráfica da Internet. É por meio dela que nos conectamos com os sites, sítios, blogues e demais páginas, com o intuito de divulgar, de criar ou apenas de nos relacionar em um mundo “virtual” que irmana a todos.

Essa noção de interface não se limita às técnicas de comunicação contemporâneas. O próprio advento da impressão gerou uma interface padronizada e original com seus cabeçalhos, páginas de títulos, numeração regular e referências cruzadas.

Podemos dizer que a própria palavra é uma interface com o plano das ideias, das informações e dos sentimentos e, para discordar de Saussure, não totalmente arbitrária, enquanto signo, como nos mostrou algumas das experiências do psicólogo Wolfgang Köehler (1996).

O paradoxo é a essência do que vivenciamos em um mundo onde parece que o virtual suplantou o real. Nada mais paradoxal do que uma pretensa universalidade (realizada por um computador conectado na rede mundial

* Editor do site MUSA RARA
<www.musarara.com.br>.

de computadores) desprovida de um significado central e unívoco.

Vivemos a era da potência, ou melhor, do potencial, no sentido considerado pelo filósofo Pierre Lévy, ao sentenciar que “é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato” (LÉVY, 1999, p. 47). O que significa dizer que os caminhos ainda estão em aberto, prenes de potencialidades, visto que o virtual agora é o que fomenta o que costumamos chamar de “real”.

Por outro lado, quando o filósofo transpõe o entendimento de “virtual” para o contexto contemporâneo afirma que: “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 1999, p. 47).

Com a internet, ao contrário do que muitos apregoavam, observamos um crescimento da diversidade enunciativa, com regionalismos, nacionalismos e expressões de minorias. Escreve-se cada vez mais e não é o idioma inglês que domina, como poderíamos supor observando um “universo”, que até 2006, era dominado por sistemas operacionais da gigante Microsoft.

Linguagem digital

No entanto, a língua é um organismo vivo, mutante e, claro, sofrerá as contaminações dos novos suportes. Apesar disso, não acredito no que diz o linguista norte-americano Steven Fisher quando afirma que o português brasileiro vai ser extinto em mais ou menos 300 anos (Revista Veja, 05 de abril de 2000). O argumento dele tem uma lógica linguística, a partir do conhecimento que temos da dinâmica de outras línguas e outras análises diacrônicas. Para ele, o português brasileiro não resistirá à influência econômica e cultural do espanhol (afinal, o

espanhol já é a segunda língua mais falada no Ocidente) e se transformará em uma espécie de portunhol. Talvez, o portunhol selvagem apregoado e defendido pelo instigante poeta de fronteira Douglas Diegues.

Como advento da linguagem digital, inesperadamente, a escrita impressa e a linguagem habitual do livro, a literária, feita de letras, sintaxe, sintagmas, morfologia e conotações ganhou em importância. Jovens educados e criados em um ambiente predominantemente visual, saturados de imagens e ícones da cultura contemporânea, começaram a se voltar para a linguagem escrita, estimulados pelo correio eletrônico, MSNs, Facebook e outros diálogos entre suas comunidades sociais. Os que chegaram à fase do consumo de informações na última década, por bem ou por mal, utilizam-se de uma forma de expressão que pode vir a se tornar literária, rudimentar ainda (calcada ainda mais em sua função fática do que poética), mas sujeita ao aprimoramento natural determinado pela própria necessidade de expressão.

Webliteratura e hipertexto

Falamos agora em Webliteratura. A literatura em si já não basta. Estamos todos imersos e fascinados pelas novas mídias e suas facilidades de distribuição e possibilidades ficcionais. E não há como fugir disso. Mesmo que intuídos em pixels e bits, os deuses continuam “hóspedes fugidios da literatura”. Deixam agora seus rastros em rizomas de links e hipertextos que trafegam em diálogo intersemiótico nos chamados iPads, e-readers, e-books e outros écrans mais ordinários.

Chegamos, então, a uma palavrinha que está na moda no meio virtual e que se configura como característica essencial dessa nova era, ou da cibercultura: o hipertexto. Blocos de informações conectados por meio de elos ou links, capazes de permitir aos navegadores que se movam livremente dentro deles e que nos colocam diante de uma

nova máquina de ler, que faz de cada leitor-navegante um editor em potencial, redirecionando os paradigmas que balizavam as antigas formas de produção e recepção de discursos.

O texto, nessa baliza, passa a ser efetivamente uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados. Como sugere George Landow, em seu livro *Hipertext 2.0*, os textos não têm mais início. São irreversíveis e possibilitam acesso por diversas entradas, das quais nenhuma poderia ser autoritariamente declarada única, como já pretendia Roland Barthes (LANDOW, 1997, p. 3) em suas análises da escritura.

Em *S/Z* Roland Barthes descreve uma textualidade ideal que encaixa perfeitamente àquela que em computação foi chamado de hipertexto, texto composto de blocos de palavras (ou imagens) ligados eletronicamente por diversos caminhos, correntes, trilhas em textualidade indeterminada, de final aberto, descritas por links, nós, comunidades, redes e caminhos. (LANDOW, 1997, p.3).

O que está em jogo, nessa nova máquina potencializadora de escritas e de leituras, é a possibilidade efetiva de ela vir a alterar efetivamente toda a experiência literária que vier a ser feita a partir dela.

Além disso, parece que ela vem confirmar o que já preconizava Barthes, em 1968: a morte do autor. A noção de que a obra não está mais nas mãos do autor, que até então era considerado o Deus todo-poderoso da criação textual. Com o advento do hipertexto, o autor passa a ser reconhecido como um expositor de “múltiplas escrituras e várias culturas, todas em diálogo umas com as outras, em paródia e protesto”. Agora, é o leitor que recria e reescreve a obra durante o ato da leitura. É ele que “une todos os traços que constituem a escrita” (BARTHES apud CHARTIER, 2001, p. 2).

A essas potencialidades do hipertexto, temos que agregar as possibilidades de som e de imagem que o

computador nos traz. Criamos o texto, ou a escritura multimídia interativa, como dizia Pierre Lévy (1993):

É preciso pensar as mutações do som e da imagem em conjunto com as do hipertexto e da inteligência artificial. Conexões e reinterpretações serão produzidas ao longo de zonas de contato móveis pelos agenciamentos e bricolagens de novos dispositivos que uma multiplicidade de atores realizarão. (p.107).

Tudo muito bonito e conceitualmente instigante. Mas, como declarou a professora Heloisa Buarque de Hollanda, em um diálogo sobre o assunto que mediamos para o SESC São Paulo, “os textos criados com essa intenção ainda são muito chatos”. Difícil não concordar com ela. Parece que ainda exercitamos, estamos na “potência” mais uma vez. Com exceção das experiências feitas pelo poeta Augusto de Campos e alguns outros epígonos da poesia concreta, a fatura ainda é exígua e pouco animadora. Principalmente, se focarmos a criação em prosa. Apesar disso, não podemos jogar o bebê juntamente com a água do banho. Tudo ainda é muito incipiente, concordo, mas devemos atentar para algumas das experiências expostas no site Dreaming Methods (www.dreamingmethods.com).

As novas possibilidades parecem não ser muito amigáveis para uma escrita que se coadunou muito tempo com a imagem do arado, a oratio prorsa, aquela linguagem que embora fosse direta e livre (em oposição a como os Latinos viam a poesia, a oratio vincta, uma linguagem ligada por regras de versificação), ainda estava ligada à linearidade do arado e do pensamento.

Para Pierre Lévy, “a nova escrita hipertextual ou multimídia certamente estará mais próxima da montagem de um espetáculo do que da redação clássica, na qual o autor apenas se preocupava com a coerência de um texto linear e estático” (LÉVY, 1993, p.108). Em outras palavras, a literatura linear e estanque, ligada

só ao entretenimento, ou só ao desenvolvimento e comprovação de uma ideia, me parece que não terá muitas chances com a complexidade que se imporá com essa nova maneira de jogar. Maneira que potencializará o homo ludens que somos, como queria Johan Huizinga (1980).

O estudioso de tecnologia digital, Steve Johnson, comenta que muitos ficaram empolgados com as possibilidades criativas de uma obra literária escrita em hipertexto depois do lançamento de “Afternoon: A History”, de 1993. Mas o entusiasmo durou pouco quando se percebeu que a não linearidade se tornava um grande obstáculo para a fruição do texto (JOHNSON, 2001, p.96).

Em uma leitura na qual cada leitor pode tomar um caminho diferente, a experiência compartilhada dos leitores se reduz drasticamente e fica mais difícil um juízo de valores consensuais.

Ainda, segundo Steven Johnson: “Mas meu palpite é o que o gosto pela prosa não linear vai crescer à medida que nos aclimatarmos a esses novos ambientes — e aos estranhos novos hábitos de leitura que eles exigem” (JOHNSON, 2001, p. 96).

A cibercultura e a reação contra ela

Frente a essa enorme multiplicidade de possibilidades, facetas e eventos, não podemos deixar de pensar seriamente no significado da web para o presente e para o futuro da literatura e da cultura. Não é mais possível ter uma opinião simples e unívoca, ou simplesmente descartar o tema. Não podemos ficar só eufóricos ou, ao contrário, nos posicionar reativamente como, inicialmente, se posicionou em livro o jornalista Andrew Keen (2009).

Muitos dos que se levantam contra a tecnologia, nos alertando de seus perigos, fazem-no de uma forma muito parecida com a que fez Nietzsche ao declarar sua

guerra particular ao cristianismo, ou a Deus - que acabou revelando muito de sua incapacidade de viver sem eles.

O mito de Narciso, usado pelo vovô Marshall MacLuhan (1996), quando nos falava sobre os meios como extensão do homem, aponta para o entorpecimento e fascínio que nos atingem quando nos deparamos com extensões em qualquer material que não seja nós próprios. E não por acaso a palavra Narciso originou-se da grega *narcosis*.

É neste estado paradoxal de dopping cibernético que nos pegamos a pensar e a questionar sobre o que está acontecendo em nossos dias. Difícil ter clareza e projetar alguma coisa. Mal estamos dando conta do presente. O que revela que estamos, realmente, despreparados para o futuro, qualquer que seja ele. Paradigmas, embora necessários, se tornam velhas chaves para novas fechaduras.

Em um diálogo recém-publicado entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010, p. 21-40), discute-se com propriedade a efemeridade dos suportes duráveis que, pode ser justificada pelo fato de a cada instante surgirem novos suportes e aparelhos que exigem um novo tipo de conhecimento para que possamos utilizá-los. É verdade. A geração analógica formada com os livros, e entre os livros, não tem fôlego para tanto. Mas, como podemos observar, a geração de nativos nas novas tecnologias tira e tirará isso “de letra”.

Os dois belos representantes de nossa cultura impressa, colecionadores de pergaminhos e incunábulo, apontam para uma “ansiedade de produção” e para uma proliferação de romances contemporâneos de autores tão efêmeros quanto a tecnologia que deve atender às necessidades de consumo.

Jean-Claude afirma que “às vezes é útil relativizar nossas pretensas proezas técnicas” ao lembrar que os livros de Victor Hugo chegavam mais rapidamente a outros países do que os best-sellers nos dias de hoje (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 49). Por outro lado, podemos

concluir também que este fato só revela a incompetência das editoras atuais em se abrirem às possibilidades que as novas mídias nos oferecem.

Mas até elas, as editoras lobodinossáuricas, estão se mexendo. Há pouco tempo, a gigante editorial americana Simon & Schuster ditou novas regras para seus escritores. E quais seriam elas? Abrir um blogue. Criar uma página no Facebook. Gerar conteúdo em redes sociais literárias. Interagir. Contaminar-se. Sair dos escritórios empoeirados ou da pretensa redoma criativa. Abrir-se para as novas exigências e imperativos de uma época de cibercultura. Tudo isso posto em contrato.

O futuro do futuro

Por outro lado, já flertamos com a Web 3.0, visto que a anterior – a Web 2.0 – banalizou-se como sinônimo de sites e ferramentas interativas que revelaram um leitor ativo na produção e gerenciamento de conteúdos. Mas o que será ela? Mal assimilamos um novo paradigma e já surge outro: o surgimento de uma rede habitada cada vez mais por entidades inteligentes. Entidades essas que serão capazes de sugerir ações para nosotros, os chamados humanos. Algo como já vem fazendo o Google, que nos questiona sobre a certeza de nossas referências para busca e sugere outras, quiçá, melhores.

Em um segundo momento, ou mesmo em um terceiro, poderá surgir o que postulam os pensadores da web semântica:

A web semântica trará estrutura ao conteúdo significativo das páginas da web, criando um ambiente onde os agentes de software que vagueiam de página a página possam prontamente realizar tarefas sofisticadas para usuários. (BERNERS-LEE; HENDLER; LASSILA, 2001, p. 34).

Em outras palavras, será possível, um dia, que os sistemas e agentes de software (criados por nós mesmos) possam gerar comandos capazes de categorizar conteúdos, de identificar o que seria uma boa escritura, ou uma má escritura, e de sugerir, ou mesmo corrigir, o que estiver aquém da produção de um determinado escritor, ou até aquém do gosto de uma determinada comunidade de receptores (leitores)?

O próprio sistema passaria a ser o coautor – e não mais o receptor – e nós passaríamos a ser meros figurantes, como sugere Bourriaud (2011, p. 28):

A emergência de novas técnicas como a Internet e a multimídia indica um desejo coletivo de criar novos espaços de sociabilidade e de instaurar novos tipos de transações diante do objetivo cultural: a “Sociedade do Espetáculo” se sucederia então da sociedade dos figurantes, onde cada um encontraria nos canais de comunicação mais ou menos truncados a ilusão de uma democracia interativa.

E, no sétimo dia, Deus observando novamente sua criação rejubilar-se-á. No oitavo, o Google chegará e se apoderará de tudo. Isso já se pode pressentir, embora o jogo não esteja totalmente decidido ainda. Importa-nos, daqui para frente, saber o que faremos com tudo isso e de que forma. A questão é como colocar o computador e todos os seus agentes a serviço da produção estética e literária. De servir-nos de seus programas para continuar a significar e ressignificar o mundo e as nossas vidas. Como propõe o poeta e antropólogo Antonio Risério (1998, p. 203):

(...) trata-se de “conectar” as novas tecnologias sígnicas com o cerne mesmo da humanidade. Com a nossa indeterminação. Humana – e poética. É o que muitos artistas – antenas da espécie humana – estão fazendo, nesta nossa contextura sociocultural, onde se configura, de modo irreversível, o horizonte plurifaiscante de uma nova mutação antropológica, comparável somente à Revolução

Neolítica, quando a escrita e a cidade despontaram para subverter e redefinir a nossa postura no cosmos, e à Revolução Industrial, base mais imediata de nossa atual aventura rumo ao desconhecido.

Referências

- BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. The Semantic Web. *Scientific American*, Maio de 2001, p. 29-37.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CARRIÈRE, Jean-Claude; ECO, Umberto. Não contem com o fim do livro. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CHARTIER, Roger. Readers and Reading in the Age of Electronic Texts, 2001. E-book facultado por <www.text-e.org>
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- JOHNSON, Steven. Cultura da interface. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- KEEN, Andrew. O Culto do Amador. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- KÖEHLER, Wolfgang. Psicologia de la forma. Madri: Biblioteca Nueva, 1996.
- LANDOW, George P. Hypertext 2.0. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1997.
- LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- MACLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Tradução: Décio Pignatari. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, ed. 1643, ano 3, n. 34, 05 de abril de 2000.
- RISÉRIO, Antonio. Ensaio sobre o texto poético em contexto digital. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado; COPENE, 1998.